


METAMORFOSE DO MAL

Georg Trakl

Tradução de Modesto Carone

utono: negra caminhada à beira da floresta; minuto de muda destruição; debaixo da árvore espreita a testa do leproso. Anoiecer há muito tempo passado que agora afunda sobre os degraus de musgo: novembro. Um sino soa e o pastor tange para a aldeia uma tropa de cavalos pretos e vermelhos. Sob o pé de a veleira o caçador verde estripa uma presa. Suas mãos fumegam de sangue e sobre os olhos do homem a sombra do animal suspira na folhagem, parda e silente: a floresta. Gralhas que se espalham — três. Seu vôo semelha uma sonata de acordes pálidos e máscula melancolia; suave se dissolve uma nuvem de ouro. Perto do moinho meninos acendem uma fogueira. A chama é irmã do mais pálido e ele ri enterrado no seu cabelo de púrpura; ou é um local do crime por onde passa uma trilha de pedra. Os tufo de espinhos desapareceram, anos seguidos ela sonha no ar de chumbo sob os pinheiros; medo, escuridão verde, o engasgo de um afogado: do tanque estrelado o pescador tira um pesado peixe preto, o semblante cheio de crueldade e demência. As vozes do junco, homens ralhando às suas costas, ele oscila no barco rubro sobre a água gelada do outono, vivo nas sagas sombrias da sua espécie e os olhos pétreos abertos sobre noites e sustos de virgem. Maligno.

O que te força a permanecer imóvel sobre a arruinada escada estreita na casa dos teus ancestrais? Negror de chumbo. O que ergues aos olhos com mão de prata? Por que as pálpebras baixam bêbadas de papoula? Mas pelo muro de pedra vês o céu de estrelas, a Via Láctea, Saturno: vermelho. Raivosa bate no muro de pedra a árvore nua. Tu, sobre degraus em ruínas: árvore, estrela, pedra! Tu, animal azul, que treme em silêncio; tu, sacerdote lívido que o sacrificas no negro

altar. Oh, teu sorriso no escuro, triste e mau, que torna pálida uma criança no sono. Uma flama rubra saltou da tua mão e nela ardeu até o fim uma borboleta noturna. Oh, a flauta da luz, oh, a flauta da morte. O que te força a permanecer imóvel sobre a arruinada escada estreita na casa dos teus ancestrais? Lá embaixo bate no portal um anjo com dedo de cristal.

Oh, o inferno do sono; ruela escura, pequeno jardim marrom. Leve soa no anoiecer a efígie dos mortos. Minúsculas flores verdes esvoaçam à sua volta e o seu semblante os abandonou. Ou se inclina lívido sobre a testa fria do assassino na penumbra do vestibulo; devoção, chama purpúrea da volúpia; agonizante o sonâmbulo se precipitou no escuro por negros degraus.

Alguém te larga na encruzilhada e tu olhas longamente para trás. Passo de prata à sombra de macieiras mirradas. A fruta brilha purpúrea na negra ramagem e na relva a serpente troca de pele. Oh, a escuridão; o suor que sobe à testa gelada e os tristes sonhos do vinho na taverna da aldeia sob as traves enegrecidas de fumaça. Tu, deserto que retira por mágica ilhas cor de rosa da parda nuvem de tabaco e do íntimo recolhe o grito selvagem de um grifo quando ele caça em volta de negros penhascos no mar, tempestade e gelo. Tu, metal verde, dentro um rosto de fogo que quer partir e cantar da colina de ossos os tempos sombrios e a queda flamejante do anjo. Oh, o desespero que cai de joelhos com um grito mudo.

Um morto te visita. Do coração escorre o sangue autoderramado e na sombra sobranceira se aninha o instante indizível: escuro encontro. Tu — lua de púrpura quando ela surge na sombra verde da oliveira. A isso se segue a noite que não perece.